

ANÁLISE DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

EDUARDO JABLONSKI¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é responder à pergunta como se analisa a extensão da cultura em todas as suas dimensões. Para tanto, busca-se auxílio em três pensadores: Zigmund Bauman, Gilles Lipovetsky e Yuval Noah Harari. Levanta-se a hipótese de que vivemos a Era da Burrice, e o que se faz é no sentido da inversão de valores em todos os estágios sociais, históricos, econômicos e culturais. As conclusões é que as pessoas buscam a satisfação dos desejos. É

uma sociedade cujos membros trocam a educação e a inteligência pelas redes sociais e pelo consumismo, desprezam o diferente e exigem que todos mostrem um comportamento igual, com pensamento igual em todas as situações.

PALAVRAS- CHAVE: Cultura. Valores invertidos. Sociedade contemporânea.

¹ Mestre em Letras, professor concursado do Governo do Estado e da Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha, e-mail: evjj1969@gmail.com

HOW TO AWAKE LANGUAGE COMPETENCE

ABSTRACT

The objective of this article is to answer the question how we analyze the culture in all its dimensions. To do so, we ask for help to three thinkers: Zigmund Bauman, Gilles Lipovetsky and Yuval Noah Harari. We create the hypothesis that we live in the Stupid Era, and we invert the values in all senses – social, historic,

economics and cultural. The conclusion is that the people want to please their desires. It's a society whose members exchange the education and the intelligence for social media, for shopping, they don't like the difference and they want that everybody show the same behavior and the same thinking in all situations.

KEY WORDS: Culture. Inverted Values. Society Nowadays.

1 INTRODUÇÃO

Como se analisaria a extensão da cultura em todas as suas dimensões? O objetivo deste artigo é tentar responder a essa questão. Para tanto, são analisados os estudos sociológicos de três pensadores: *A cultura no mundo líquido moderno*, de Zigmund Bauman; *La era del vacío*, de Gilles Lipovetsky; *21 lições para o século 21*, de Yuval Noah Harari. São autores que conhecem principalmente a cultura americana, europeia e asiática, embora talvez se possa considerar que exista um comportamento globalizado em todos os países do mundo. Levanta-se a hipótese de que vivemos a Era da Burrice, e o que se faz é no sentido da inversão de valores em todos os estágios sociais históricos, econômicos e culturais.

A importância de proceder a um estudo desse teor é devido à exigência de se refletir sobre as mais variadas formas de agir e pensar no mundo contemporâneo. Uma prova de que se vive no caos cognitivo é que, dos 147,3 milhões de eleitores aptos a votar em 2018,

57,8 milhões ou 39,2% votaram num cidadão que falou, antes das eleições, que “o erro da Ditadura foi torturar e não matar”; “não empregaria homens e mulheres com o mesmo salário”; “tive quatro filhos homens, no quinto dei uma fraquejada e veio mulher”; “jamais iria estuprar você, porque você não merece”; “seria incapaz de amar um filho homossexual”; “se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”; “só vai mudar se partirmos para a guerra civil, matando uns 30 mil”; “se o filho começa a ficar meio gayzinho, toma um couro e muda de comportamento”; “ninguém gosta de homossexual, a gente suporta”; “fui num quilombo, não fazem nada, nem para procriador servem”. Frases como estas circularam por todos os jornais do país. Apesar do teor e do que representa cada uma, o seu autor, ainda assim, ganhou o apoio da população.

2 VISÃO DE BAUMAN

Nesta seção, analisa-se como o sociólogo polaco pensou a cultura mundial atualmente e suas vinculações com o multiculturalismo e a globalização. Essas questões ele constatou numa sociedade com relacionamentos líquidos e valores em processo de inversão.

“Estamos sucumbindo às novas realidades, sem questioná-las nem solapá-las.” (BAUMAN, s/d., p. 40) Aqui o pensador polonês lamentou o comportamento dos seres humanos. Nietzsche afirmou que a tudo deveríamos questionar, seria a obrigação de um livre pensador. Mas quem é livre pensador num mundo como o de hoje? A tudo se aceita: músicas de gosto duvidoso, artes plásticas que poderiam ser confeccionadas por uma criança de cinco anos, filmes e novelas com cenas de sexo e violência, apologia às drogas, ao cigarro, às bebidas, desapego à educação, desprestígio dos livros e de tudo que seja inteligente, amor ao consumismo desenfreado, perda de tempo com redes sociais.

“Se os participantes presumissem, como o fazem os entusiastas do “multiculturalismo” (...) que cada diferença existente merece sobreviver e florescer simplesmente em razão de sua diferença...” (BAUMAN, s/d., p. 43) Mas pensar assim, numa época como a de hoje, é ingenuidade. Bauman apenas desejaria que se respeitasse as diferenças. Porém, se o primeiro mandatário da nação (isso em termos de Brasil) desrespeita homossexuais, mulheres e negros, é claro que tal mensagem subliminar enfatiza ainda mais a aversão à diferença. Num período da história em que predomina a quase total inversão de valores, ressalta-se a imposição de padrões. Se o indivíduo não atende a determinados critérios (como ser homem, heterossexual, religioso, rico, com nível superior), não será respeitado pelos demais.

Bauman lembra a situação do Quebec, no Canadá, que obriga a todas as famílias a matricularem seus filhos em escolas com ensino da língua francesa (s/d., p. 45). A meta, com tal iniciativa, é preservar a cultura com influência do idioma de Flaubert. Se a atitude de respeitar a diferença fosse seguida amplamente no mundo, haveria consideração pela cultura do outro, pela diversidade, pela opinião do semelhante. No Brasil, para ficar ainda com a questão do idioma, há 274 línguas registradas de comunidades indígenas, afóra a língua portuguesa. O atual Presidente criticou o fato de que 14% do território nacional foi demarcado como terra indígena. E o Ministério da Educação, por intermédio da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, obriga o ensino das culturas afro e indígena nas escolas, exatamente para preservá-las e mostrar respeito por elas. No entender de Bauman, “o reconhecimento das diferenças entre culturas é o ponto de partida correto para um debate racional sobre o compartilhamento dos valores humanos”. (s/d. p. 45)

“Acima de tudo, as pessoas anseiam hoje por um sentimento de comunidade, na esperança (equivocada) de que ele lhes proporcione abrigo em relação à maré montante do torvelinho global.” (BAUMAN, s/d., p. 48) E por que essa esperança seria equivocada?

Porque, dentro da sua comunidade, não haverá respeito pelo outro, pela cultura diferente dos padrões aceitos pela maioria. No Brasil hoje, em termos culturais, os gostos amplamente prestigiados e até exigidos são: funk e sertanejo (na música), livrinhos da moda (para os poucos que leem), ódio à educação, uso indiscriminado de entorpecentes, cigarros e bebidas alcoólicas, tendências políticas de extrema direita, aversão a gays, mulheres e negros e a qualquer atitude ou iniciativa inteligente. Se o cidadão não fizer parte desse amplo grupo de gostos e preferências, não será respeitado dentro da sua comunidade, e por essa razão a esperança de ser aceito está equivocada. “Tudo que fosse local e tribal representava atraso; esclarecimento queria dizer progresso, e progresso, por sua vez, significava comprimir os modos de vida locais num modelo de cultura nacional comum a todos.” (BAUMAN, s/d., p. 50)

“Renunciar de bom grado à sua identidade cultural distinta ou vê-la tomada pela força.” (BAUMAN, s/d., p. 51) A característica de um governo com ideologia de extrema direita é a de reprimir o outro e não aceitar que existam vozes divergentes, como aconteceu nos momentos históricos em que o país contou com os militares no poder, como nos períodos entre 1937 a 1945, no Estado Novo de Vargas, que foi segundo sargento, e de 1964 a 1985, com vários generais na liderança, sem esquecer que houve outros militares no poder, mas em situação de democracia, como Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Hermes da Fonseca e Eurico Gaspar Dutra. Hoje, há um capitão na Presidência.

“Quando há exclusão indiscriminada de uma comunidade, ninguém acha fácil sair de seus domínios; ricos e capazes, assim como pobres e desamparados, não têm para onde ir.” (BAUMAN, s/d., p. 53) Quem na verdade não tem para onde ir é aquele que ousa pensar diferente da comunidade, porque será discriminado pelos demais. Hoje em dia no Brasil, um cidadão não pode dizer que segue as ideologias de esquerda, que não votou no primeiro mandatário da nação, que é ateu, que gosta de ler, que ama estudar, que não aprecia as músicas da moda. Tudo isso é razão, num mundo amparado pelo ódio, para que os partidários do padrão dominante agridam o diferente.

Citando Gadamer, o autor de *Verdade e Método*, Bauman diz que “a tarefa da Europa consiste em transmitir a todos a arte de aprender com todos” (s/d., p. 58). Talvez seja esse o aspecto relevante das relações culturais, porque os mais variados gêneros sempre têm condições de aprender com o outro. Peter Drucker não fez quase 30 especializações de setores variados, para empregar métodos novos na Administração? Mas isso seria possível numa época da história que prima pela radicalidade da visão única? De que forma os donos da cultura nacional aprenderiam com o outro, se eles têm certeza de que já dominam todos os mistérios do mundo?

Mais uma vez mencionando Gadamer, Bauman diz que o autor de *Verdade e Método* “assinalou que o caminho da compreensão passa por uma fusão de horizontes” (s/d., p. 58). É como se estivesse dizendo que as pessoas, talvez os donos do poder, precisariam agir com empatia, colocandose na situação do outro, para compreendê-lo. Mas a classe dominante autoritária e intransigente – como a atual - não parece ter condições de se portar com empatia. A sociedade de hoje se encontra no estado de natureza de Hobbes, em que há uma constante possibilidade de luta de todos contra todos. Não existe sensibilidade ou compaixão pelo semelhante. No início da pandemia do coronavírus, por exemplo, o atual Presidente da República chegou a sugerir – depois voltou atrás – que as empresas suspendessem o salário dos trabalhadores por quatro meses. Assim, não tendo rendimento, como os pais de família comprariam o leite dos seus filhos? A Presidência não pareceu se importar. Voltou atrás apenas por causa da pressão de todos os setores políticos e sociais do país.

Bauman escreveu mais num âmbito estrutural acerca da cultura. Na próxima seção, analisam-se as ideias do francês Gilles Lipovetsky constantes no seu estudo sociológico que trata do que ele chamou de a Era do Vazio. As citações vêm em espanhol, porque foi a edição que se encontrou na internet.

3 VISÃO DE LIPOVETSKY

Lipovetsky acha que as pessoas estão enfrentando uma segunda revolução individualista, que promove a erosão das identidades sociais, o abandono ideológico e político e a desestabilização acelerada das personalidades (1993, p. 5), tudo em razão de uma atitude: o consumo desenfreado, a necessidade de ter e a quase nenhuma vontade de melhorar a constituição do ser. Bauman também já alertou para esse fato, que definiu como relacionamentos líquidos.

A sociedade estimula suas necessidades, o sexo, os fatores humanos, o culto do naturalismo, da cordialidade e do sentido do humor (LIPOVETSKY, 1993, p. 6). Tal posição mostra que o pensador francês está satisfeito com relação ao gênero humano, pois esta seria a sua definição de personificação do ser na contemporaneidade. É claro que as pessoas querem atender a suas necessidades, principalmente de consumo. O sexo é colocado em primeiro lugar, eis a descoberta de Freud. Acerca dos fatores humanos, é necessário saber o que Lipovetsky pensa disso, porque humano pode ser muita coisa, desde o genocídio de milhões, o que se passou em vários países do mundo, até a ajuda fraterna que também aconteceu em alguns casos. A busca do sentido do humor, pelo menos no Brasil, é corriqueira. Milhões de pessoas, em vez de usar a internet para se desenvolver intelectualmente, perdem tempo com vídeos para dar risinhos. A educação, o pensamento sério, como gosta de dizer Armindo Trevisan, e a cultura são deixadas de lado.

“El mínimo de austeridad y el máximo de deseo, con la menor represión y la mayor comprensión posible” (LIPOVETSKY, 1993, p. 6-7). Todos os aspectos da sociedade podem ser interpretados de variadas maneiras. Se a busca pelo desejo é realizada sem a

repressão de si próprio, uma vez que a pessoa se sente livre para buscar o que quiser, sem se importar com o outro, nem consigo, envolvendo-se com drogas, com o álcool, com o consumo de doces e gorduras, satisfazendo todas as suas necessidades, nesse ponto se pode concordar.

“Después de la educación autoritaria y mecánica, el régimen homeopático y cibernético” (LIPOVETSKY, 1993, p. 7). É uma verdade. Se se fizer uma comparação com o mundo da arte, principalmente o da literatura, se verá que o comportamento humano sempre oscilou entre algo mais rígido, como o renascimento, o arcadismo, o realismo, o simbolismo/parnasianismo, o pré-modernismo, a geração modernista de 1945 e algo mais livre, como o barroco, o romantismo e algumas gerações modernistas, como a de 1922 e a de 1930. Ou seja, o primeiro movimento era sempre rigoroso e o segundo amalucado. Lipovetsky afirma que a educação anterior era rigorosa e autoritária, enquanto a atual é suave e cibernética. Faz todo o sentido, pois a cultura sempre se comportou assim. E aqui estaria uma explicação para o motivo de as pessoas se comportarem com tamanho desinteresse pelo ensino e pela cultura hoje em dia.

O pensador francês acredita que haja, nos tempos atuais, respeito às diferenças e à livre expressão (1993, p. 7), mas é um dos pontos equivocados. Nem no seu próprio país existe isso. A França é conhecida mundialmente por ser uma das nações mais xenofóbicas do mundo. Portanto não mostra respeito nem pelas diferenças, nem pela livre expressão. Uma das tantas provas foi o atentado contra o jornal Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015, quando 12 pessoas foram mortas e cinco feridas gravemente, apenas porque uma charge fez uma piada acerca da religião muçulmana.

Além disso, os franceses não recebem com agrado pessoas de outros países. Segundo matéria publicada pela Euronews em 19 de fevereiro de 2015, o Comissário para os Direitos Humanos do Conselho da Europa, Nils Muižnieks, teria dito que, nos últimos anos, tem havido um enorme aumento de atos antissemitas, antimuçulmanos e

homofóbicos na França. No Brasil, nas redes sociais, as pessoas se revoltam e partem para a agressão se alguém se mostra desfavorável ao atual Presidente da República. Como o comportamento autoritário não fica só na política, ele se espalha por todos os segmentos sociais em todos os sentidos. Tornou-se uma forma de ser e de se comportar das pessoas, que, se veem o outro expressar opinião sobre qualquer tema, não o respeitam e procuram obrigá-lo a pensar como a maioria. O respeito pela diferença, ao contrário do que disse Lipovetsky, não acontece nos dias atuais.

“El proceso de personalización ha promovido y encarnado masivamente un valor fundamental, el de la realización personal, el respeto de la singularidad subjetiva” (LIPOVETSKY, 1993, p. 7). Parece que o sociólogo francês vive em outro mundo. Talvez isso aconteça tão somente nas relações pessoais dele, pois no resto do planeta o que se vê é o oposto. Não existe respeito pela singularidade subjetiva. Em Santo Antônio da Patrulha, para citar um exemplo, raramente, para não dizer nunca, as pessoas respeitam a singularidade subjetiva do outro. Quando alguém emite uma opinião sobre o que quer que seja, as pessoas atacam e tentam obrigá-la a pensar diferente, como se tivessem a necessidade de colocar todos no trilho supostamente certo dos que seguem o mesmo caminho.

Sobre a realização pessoal defendida por Lipovetsky, o que acontece hoje em dia é exatamente o contrário. Os brasileiros, como não gostam de estudar, não se interessam por se qualificar (embora haja exceções), não se formam e assim não conseguem empregos que paguem o mínimo para ter acesso ao conforto e às conquistas de bens que possam satisfazer às suas necessidades de consumo. Conforme a Organização e Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE), apenas 21% dos brasileiros tinham nível superior completo em 2019, enquanto a Argentina registrou 40%; o Chile, 34%; a Colômbia, 29% e a Costa Rica, 28%. A média dos países pesquisados pela OCDE é de 44% das pessoas que alcançaram o nível superior principalmente na Europa e nos

Estados Unidos. A matéria que trata do assunto foi escrita por Isabella Giordan e publicada em 10 de setembro de 2019 no site da Revista Quero.

Lipovetsky está raciocinando que quase metade da população mundial atinge um nível superior e, por essa razão, consegue salários maiores do que alguém que não se desenvolveu em termos intelectuais. Porém a realidade brasileira é outra. Se se levarem em consideração as cidades do interior, apesar do projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que oferece cursos superiores grátis em municípios afastados dos grandes centros, somando 562 polos pelo interior do Brasil, pouca gente se interessa pelo ensino superior, tanto que os polos universitários encontram dificuldade no que tange ao preenchimento das vagas.

Para um país subdesenvolvido como o Brasil, principalmente em termos educacionais, com pessoas que não se interessam por estudar (excetuando os 21% da população que atingiram nível superior, apesar das inúmeras facilidades que existem hoje em dia), a visão de Lipovetsky está equivocada.

Talvez o pensamento do sociólogo francês se ajuste aos países europeus de primeiro mundo e aos Estados Unidos. As conquistas do mundo contemporâneo não foram amplamente socializadas. Na próxima seção, analisa-se a visão de Yuval Noah Harari, por intermédio do seu *21 lições para o século 21*.

4 VISÃO DE HARARI

Como se declara historiador, Harari diz que analisa as questões históricas para, a partir delas, fazer cogitações a respeito de como poderia ser o futuro, embora diga que não pretende ser uma narrativa história, mas uma coletânea de lições. O autor também

fala do papel crucial da estupidez humana (HARARI, s/d., p. 8). Como o objetivo deste ensaio é comprovar que a sociedade mundial se encontra na Era da Burrice, será focado este capítulo:

“Nunca subestime a estupidez humana”. O tempo todo o autor viaja pela história para buscar um dado em que se apoiar para prever o futuro. Disse, por exemplo, que o assassinato de um arquiduque em 1918 deu início à Primeira Grande Guerra e, em 2018, um conflito no deserto da Síria poderia desencadear uma nova guerra (HARARI, s/d., p. 8). Todo o capítulo o autor fala das guerras travadas pelas mais diversas nações no século XX. E essa é a estupidez humana.

O autor acredita que, embora as guerras tenham trazido sucesso e enriquecimento à maioria dos povos, isso não seria possível no século XXI, mas a estupidez humana poderia levar o mundo a novas guerras. “A estupidez humana é uma das forças mais importantes da história, porém com frequência tendemos a desconsiderá-la.” (HARARI, s/d., p. 163)

Repetindo Hume, mas sem citá-lo, Harari disse que “a maioria das decisões humanas é baseada em reações emocionais e atalhos heurísticos e não em análise racional.” (s/d., p. 195) Isso é um problema, porque as pessoas agredem as demais em todas as situações em que são contrariadas, principalmente com relação às ideias. Nas redes sociais, por exemplo, se alguém emite opinião política, religiosa ou clubística, levando em consideração que o esporte nacional do país é o futebol, sempre há um disposto a agredir. Nas relações de trabalho, se alguém ousa se posicionar contra a maioria, é aliado do grupo e vilipendiado. Parece que se vive em meio a pessoas que não fazem “análise racional” dos fatos e se comportam apenas com a emoção, como definiu Hume.

“A individualidade também é um mito.” (HARARI, s/d., p. 195) Ao contrário do que diz Lipovetsky, que a sociedade estaria enfrentando uma segunda revolução individualista,

Harari afirma que as pessoas encontram soluções para os problemas em grupo, não individualmente, o que é verdade. Na ciência, por exemplo, um pesquisador estuda o que foi descoberto até então para depois analisar novas alternativas à solução de algum problema. No entanto, em cidades do interior, as pessoas se importam com a vida dos outros, não com a sua própria. Nas reuniões de família, aniversários, Natal, ano-novo, as pessoas se unem quase que tão somente para falar dos semelhantes, ficam horas julgando e criticando o que os outros fazem.

“Indivíduos humanos, constrangedoramente, pouco sabem sobre o mundo, e, à medida que a história avançava, sabiam cada vez menos.” (HARARI, s/d., p. 196) Quem atua como professor hoje em dia percebe um desinteresse quase completo por questões de ensino e cultura. As pessoas não gostam de ler, de estudar, de se informar e por essa razão sabem cada vez menos não apenas sobre o mundo, como disse o historiador, mas sobre as suas profissões. É comum se verem profissionais de uma área não dominarem nem o seu metiê, professores de inglês ou espanhol que não falam o idioma, jornalistas de texto que não sabem escrever, profissionais de informática que não conhecem o básico, isso para ficar apenas com esses exemplos.

Harari disse que, certa vez, foi feita a experiência de perguntar às pessoas como funcionava um zíper. Todas confirmaram saber, porque usavam todos os dias, mas nenhuma delas respondeu satisfatoriamente. (s/d., p. 196) Esse é um ponto nevrálgico do problema social dos dias de hoje. Ao contrário do que sugeriu Schopenhauer, as pessoas – quase todas elas - têm certeza de que podem emitir opinião sobre qualquer assunto, embora não façam a mínima ideia de como as coisas funcionam, igual ao experimento divulgado por Harari. Qualquer brasileiro acha que tem condições de defender teses sobre futebol profissional, embora nunca tenha jogado profissionalmente; acreditam que podem discorrer sobre a melhor forma de administrar um país, mesmo que não sejam um político, não tenham estudado Administração, Economia ou Contabilidade; têm certeza de que

podem ensinar um professor a dar aula, ainda que não tenham frequentado uma licenciatura. É o que a Filosofia chama de doxa, a opinião emitida sem conhecimento. Como Platão ensinou, conhecimento é crença verdadeira e justificada. Essas pessoas creem em algo, mas não conseguem justificar, nem provar.

“A maior parte de nossas opiniões é formada por pensamento comunitário e não em racionalidade individual.” (HARARI, s/d., p. 197) É o que Nietzsche (1996, 2004) chamou de “espírito de rebanho”. As pessoas não apresentam um pensar comunitário, elas apenas repetem o que o outro disse, sem raciocinar, sem ponderar. Por isso, ao longo da história, acharam correto escravizar 50 milhões de negros nas Américas. Por tal repetição, a Igreja Católica matou milhões de mulheres na fogueira ao longo dos 336 anos de Inquisição. Pelo mesmo fato, o culto povo germânico aceitou as atrocidades de Hitler. Não dispomos de livres pensadores, como desejava Nietzsche.

Enfim, Harari tem razão em dizer que promover uma guerra que mate milhões é uma estupidez, mas não está correto ao afirmar que se pensa em comunidade. Nietzsche já esclareceu que isso não passa de “espírito de rebanho”. Mas é verdade que as pessoas agem por sentimento, não pelo livre pensar.

5 ÚLTIMAS PALAVRAS

Estas reflexões se realizaram num sentido global e generalizante. Até por essa razão, chamaram-se para o debate autores que refletiram amplamente acerca do comportamento humano nos dias de hoje, alguns pedindo ajuda à História, como Yuval Noah Harari, e outros refletindo sociologicamente, como Zigmund Bauman e Gilles Lipovetsky. A hipótese levantada é de que a sociedade se encontra na Era da Burrice e foram trazidos alguns elementos para provar a afirmativa: os valores se inverteram. Dá-se

mais valor ao consumo, não à vida intelectual. São poucos os que gostam de estudar, os que amam a educação. Não se aceita o diferente. A sociedade como um todo exige que as pessoas sejam iguais e obedeçam a um padrão impossível de alcançar por alguns, como ser homem branco, bonito, magro, inteligente, rico e com formação intelectual superior. Como as pessoas não gostam de estudar, porém, mesmo assim, acham que podem emitir opinião sobre qualquer assunto, se veem críticas em todos os quadrantes sociais, econômicos, políticos e culturais, mas são opiniões que não passam da doxa preconizada pela Filosofia, visto que as pessoas falam sem fundamentação, apenas repetindo o que escutaram de outro.

Enfim, as pessoas buscam a satisfação dos desejos. É uma sociedade cujos membros trocam a educação e a inteligência pelas redes sociais e pelo consumismo, desprezam o diferente e exigem que todos mostrem um comportamento igual, com pensamento igual em todas as situações. São raros os que pensam e agem diferentemente.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, s/d.

DRUCKER, Peter. *Drucker em 33 Lições*. São Paulo: Saraiva, 2011.

_____. *A Profissão de Administrador*. 5.ed. São Paulo: Thompson, 2004. _____. *O Melhor de Peter Drucker. – A Administração*. São Paulo: Nobel, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, s/d.

Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008 - História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/lei-no-11645-de-10marco-de-2008-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-indigena> Acesso em 08 de maio de 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío*, ensayos sobre el individualismo contemporáneo. 6. ed. Barcelona: Anagrama, 1993.

NIETZSCHE. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Ecce homo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.